



30^º CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE

Eixo 4 – Ciência da Informação: diálogos e conexões

Modalidade: Trabalho completo

Considerações acerca da caracterização de coleções especiais históricas como patrimônio bibliográfico na Biblioteca MAC USP

Considerations regarding the characterization of special historical collections as bibliographic heritage in MAC USP library

Lauci Bortoluci Quintana – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP)

Resumo: Esta comunicação apresenta a análise sobre duas coleções históricas bibliográficas do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Trataremos sobre as doações de Mario Zanini, em 1976, e de Walter Zanini, em 2018, as relações com esta instituição e com a arte brasileira. O texto traz as intersecções entre os patrimônios bibliográficos, e sua fundamentação metodológica baseia-se na análise sobre ambos acervos aliada às atividades de cada doador em suas contribuições artística e acadêmica. Baseado na análise de Didier Travier, conclui pela possibilidade de classificá-las enquanto patrimônio bibliográfico.

Palavras-chave: Acervo bibliográfico. Patrimônio bibliográfico. Bibliotecas de arte. MAC USP.

Abstract: This text brings the analysis on two historical-bibliographical collections of Museum of Contemporary Art (MAC USP). We will discuss the donations from Mario Zanini, in 1976, and Walter Zanini, in 2018 and their relationships with the receiving institution and with Brazilian art. The text presents the reasons between both bibliographical heritage, and the methodological foundations are based on the analysis about this two collections, linked to the activities of each donor's performance in their artistic and academic contributions. Based on Didier Travier's analysis, we concluded that is possible to classify the collections as bibliographic heritage.

Keywords: Bibliographical collection. Bibliographical Heritage. Art Library. MAC USP.



1 INTRODUÇÃO

Este texto versa sobre a incorporação das bibliotecas particulares de Mario Zanini (1907-1971) e Walter Zanini (1925-2013) ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), realizadas respectivamente em 1971 e 2018, e sobre as relações de cada uma delas com a instituição que as acolheram, assim como as conexões que poderemos estabelecer entre as duas bibliotecas. Trataremos da trajetória de cada doador e de suas notórias doações ao patrimônio público universitário e museológico, objetivando uma reflexão sobre esses acervos, que se tornaram públicos e acessíveis, posicionando a instituição recebedora em um novo patamar de pesquisa com estes acervos bibliográficos.

A justificativa para este texto se insere no âmbito da análise de coleções particulares, ambas em seus tempos e por razões distintas de incorporação.

A fundamentação metodológica será baseada nas relações de cada doador com sua própria coleção e com o MAC USP, propondo uma reflexão sobre as coleções em seu novo locus institucional.

As conclusões expressam um acervo com novas fontes de literatura e sua caracterização como patrimônio bibliográfico.

1.1 Mario Zanini

A biblioteca de Mario Zanini foi doada por sua família ao MAC USP, em 1971, juntamente com 108 obras de arte de sua autoria, após o falecimento do artista. A biblioteca contempla livros sobre história da arte e arte moderna e a pintura produzida pelo artista está em estreita relação com os títulos de sua biblioteca, constituída no início dos anos 1930 até 1971 (Quintana, 2018, p.41).

A trajetória artística do pintor foi definida com relação ao desenvolvimento de sua potencialidade criativa gradualmente conquistada, através de um esforço tanto físico quanto intelectual. Na década de 1940, era comum os artistas que se iniciavam na pintura em grupos ou associações formarem suas bibliotecas, fator que denotava uma legitimação de ascensão social.

Nesta biblioteca doada ao MAC USP encontramos cerca de 250 livros que perfazem a obra pictórica do artista e sua interpretação da arte moderna. A biblioteca



está relacionada com a obra em pintura realizada pelo artista, na qual é possível recortar influências advindas dos livros. Suas pinturas evocam um passado, desvelando as paisagens de São Paulo, contribuindo para um novo olhar na percepção da cidade.

A biblioteca doada pode ser compreendida como a síntese entre os livros e a obra plástica e contempla autores relacionados à história da arte, como Henri Focillon, Raymond Cogniat e Pierre du Colombier, além de títulos que referenciam as artes egípcia, grega e japonesa, o Renascimento e a arte moderna. Mario Zanini assinava seus livros com seu nome e a data da aquisição, anotando as passagens que considerava importantes. No livro *A Arte do Pintor*, de Camille Bellanger, Mario assinou o exemplar e a ele se dedicou trabalhando nas técnicas de desenho. Títulos sobre arte grega e italiana, de 1923 e 1936, e um livro sobre Rubens, de 1949, foram adquiridos durante sua viagem à Itália em 1950. Nessa viagem ele também adquiriu monografias sobre Sandro Botticelli, nas quais há ensaios biográficos do mestre renascentista.

As datas dos livros sobre Picasso coincidem com sua produção cubista e geometrizada, realizada na década de 1950. Exemplares sobre técnicas de desenho, verniz, gravuras e feitura das telas datam das décadas de 1920 e 1930, nas quais Mario se dedicou à pintura em óleo. Tomemos como exemplo o livro *Cézanne* (1948), de autoria de Francis Jourdain: neste momento, no início da década de 1950, Mario Zanini se libertava de seus componentes formais, reorganizando o espaço pictórico e criando uma estrutura disciplinada, sem perder a espontaneidade, numa concepção que absorve todos os ensinamentos de Paul Cézanne.

No livro *Tratado del Paisaje* (1943), de André Lhote, assinado por Mario em 1950, há uma discussão sobre a importância histórica da paisagem, das cores, da composição da tela, da luz e do desenho. Em 1950, o artista busca sua linguagem pessoal e sua biblioteca está sempre respondendo a seus questionamentos, como nas passagens em que Lhote cita o respeito que o artista deve ter com as leis da natureza, sem subordinar-se a ela, evitando sempre a imitação.

O artista, no processo de formação de sua biblioteca, nos faz perceber a conexão de seu fazer e de sua trajetória artística com sua biblioteca, elucidando que o processo de escolha de cada título estava em consonância com suas ideias e questionamentos revelados em sua pintura.



Figura 1 – Biblioteca Mario Zanini (MAC USP)



Fonte: Fotografia da autora.

Descrição: fotografia com caixas com livros, em estantes de biblioteca.

1.2 Walter Zanini

Segundo Cristina Freire (2013, p. 23), Walter Zanini compôs com outros docentes uma geração de professores-construtores da Universidade de São Paulo. Vamos nos reportar a um dos responsáveis pela criação do próprio MAC USP, em 1963, ao lado de Pedro de Alcântara Machado e Sérgio Buarque de Hollanda.

A biblioteca de Walter Zanini foi incorporada ao MAC USP em 2018, resultado de um processo que se iniciou em 2013. Walter Zanini foi um pesquisador que viveu por muitos anos na Europa, onde realizou seus estudos acadêmicos, antes de sua nomeação como diretor do MAC USP, em 1963. Esta biblioteca, como a de seu tio Mario Zanini, é o resultado de uma vida de estudos e pesquisas, mas notadamente com um viés acadêmico. Por ter sido compilada, organizada e constituída por um pesquisador, a coleção traz o mérito de sua formação intelectual.



Essa doação contempla cerca de 10 mil itens, e alguns títulos da América do Norte e de artistas norte-americanos que se consagraram nas décadas de 1970 e 1980. Os assuntos a serem destacados estão vinculados à arte conceitual, videoarte e Fluxus. A biblioteca possui monografias clássicas de Henri Matisse, Constant Permeke, Marcel Duchamp, Ferreira Gullar, Theodor Adorno e Lucy Lippard.

Figura 2 – Biblioteca Walter Zanini em seu apartamento



Fonte: MAC USP.

Descrição: fotografia de uma sala com estantes de madeira com livros e mesa e cadeira.

O profissionalismo, que era sua característica tanto na leitura quanto nas suas atividades acadêmicas, pode também ser evidenciado nas marginálias que estão presentes em toda essa coleção de livros, periódicos, catálogos e monografias. Suas marcações, anotações, descrições e conexões estão expressas em seus livros, e nos levam a pensar em seus objetivos, ao vermos os textos ou os livros de sua autoria, em que estão presentes os assuntos estudados e marcados em suas leituras.

Importante mencionar que a doação de Walter Zanini contemplou ainda seu arquivo pessoal, que é composto de documentos relacionados a mais de 50 anos de pesquisas e estudos, sobre os mais variados temas e interesses.



Figura 3 – Arquivo Walter Zanini no MAC USP



Fonte: Fotografia da autora.

Descrição: fotografia de um armário com estantes com caixas de material arquivístico.

2 OS COLECIONADORES E A INSTITUIÇÃO

O artista paulista Mario Zanini, iniciou a constituição de sua biblioteca nos anos 1930, e teve oportunidade de realizar as aquisições nos seis meses em que passou viajando pela Europa, com seus amigos artistas. A escolha de cada livro é componente de sua trajetória, isto é, cada título está em existência relacional com a produção artística daquele momento, sendo parte do processo da criação artística. Mario Zanini, em seu currículo, conta com participações em exposições no MAC USP. Em 1963, sua obra Igreja de São Vicente (1940) esteve presente na exposição Pintura e Escultura Contemporânea, e posteriormente, em 1966, a mesma obra participou da mostra Meio Século de Arte Nova. Em 1976, o MAC USP realizou postumamente a exposição individual Mario Zanini, reunindo 205 obras de sua autoria.

Destacamos que seu legado artístico deve também considerar todo o alcance de sua biblioteca, e enfatizamos também que a decisão da família Zanini na doação das obras e da biblioteca, faz do MAC USP o *locus* institucional capaz de ser entendido como o lugar por excelência para pesquisas relacionadas ao artista.



Com relação a Walter Zanini, passamos a pensar em uma doação de cerca de 10 mil volumes formada durante uma vida inteira de trabalhos relacionados à própria atividade de pesquisador, mas também à docência na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP) e ao ofício de diretor do MAC USP.

A biblioteca de Walter Zanini, também doada pela família Zanini, foi formada durante mais de 50 anos de pesquisas, contemplando itens adquiridos em inúmeras viagens de estudos e de trabalho, sendo constituída por livros sobre o renascimento, arte italiana, arte francesa, biografias de artistas, dicionários de arte, filosofia e sociologia, em diversos idiomas, com a maior parte dos títulos editados entre os anos 1950 e 2000.

Segundo Cristina Freire:

Mais do que um conjunto de livros, a biblioteca configura-se como um mapa intelectual de um percurso singular. Testemunha lugares, interesses, movimentos artísticos, exposições, monumentos, artistas, críticos, autores, obras, museus, coleções. Essa biblioteca reunida ao longo de uma vida dá suporte para compreender suas iniciativas, seus projetos concluídos ou imaginados. Os livros nas estantes de sua casa não encontravam barreiras geográficas ou linguísticas e misturavam diversos idiomas em publicações que agregam distintos períodos na história da arte ocidental: gótico, medieval e contemporâneo que se encontram nas prateleiras. Nessa babel de livros, misturavam-se outros entes intermediários mais ou menos identificáveis, como catálogos, folhetos, papéis manuscritos, cartas, álbuns e cartões que dão a ver seu lugar de criação constante, tendo o mundo todo como horizonte, para inquirir e refletir (Freire, 2017, p. 9).

O acervo da biblioteca de Walter Zanini privilegia os valores humanistas de seu colecionador e formador, retratado em todas as dimensões éticas em sua relação com este MAC USP.

Os dois colecionadores, um artista e o outro acadêmico, durante a formação de suas bibliotecas, entendiam que seus questionamentos podiam ser respondidos por um processo que aliava estudos e pesquisas sobre quaisquer conceitos ou teorias. Mario construía sua biblioteca ao mesmo tempo em que ela respondia sua questão artística em relação a uma maior posição autônoma da arte. Walter, por sua vez, erigiu sua coleção como seu próprio instrumento de trabalho acadêmico, sendo a base fundamental para suas pesquisas. Ambas as bibliotecas, hoje reunidas, evidenciam que os personagens avaliaram cada item que as iriam compor, com títulos que hoje se inserem como fontes de análise para o entendimento do processo das artes plásticas, e



colocam o MAC USP em estreita relação com a construção do processo da modernidade brasileira.

3 COLEÇÕES BIBLIOGRÁFICAS HISTÓRICAS ENQUANTO PATRIMÔNIO PÚBLICO

As doações incorporadas deixam de ser particulares e passam ao seu novo *status* de patrimônio bibliográfico, universitário, público e museológico. Analisemos o lugar conceitual dessas coleções e o papel a ser desempenhado por elas como patrimônio.

De acordo com o plano museológico do MAC USP, seu acervo bibliográfico é parte integrante do acervo museológico, sendo este uma tríade composta por acervo artístico, arquivístico e bibliográfico:

Desde sua fundação e por força de seus acervos artístico, bibliográfico e arquivístico, o MAC assumiu perfil universitário enquanto museu de arte moderna e contemporânea, o que significa ter como base de suas atividades a pesquisa acadêmica e a formação educacional no campo da arte moderna e contemporânea (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2018, p. 19).

Segundo a Política de Gestão de Acervos:

Os acervos do MAC USP são formados por três segmentos: o acervo artístico (que reúne obras de arte visuais e aplicadas, modernas e contemporâneas, nacionais e estrangeiras); o acervo arquivístico (que reúne documentos de diversas tipologias) e o acervo bibliográfico (que reúne livros e materiais impressos). O Museu é responsável por organizar, conservar e difundir as obras e a documentação sob sua custódia e viabilizar o acesso de acordo com a legislação (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2021).

Ainda de acordo com a Política de Gestão de Acervos:

A Biblioteca Lourival Gomes Machado foi criada em 1963, a partir da aquisição da biblioteca pessoal do artista e promotor cultural Paulo Rossi Osir, fundamental para o estudo do núcleo inicial da coleção de artes visuais do MAC USP, originalmente formada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Importante biblioteca de arte moderna e contemporânea do país, possui livros sobre artes visuais, catálogos de exposição, pastas de recortes de jornais sobre os artistas do acervo de obras de arte, títulos de periódicos, materiais multimeios, cartazes e publicações de artistas. Ao longo de sua história, incorporou coleções bibliográficas privadas como as de Pola Rezende, Yolanda Mohalyi e Mario Zanini. Em 2018, o MAC USP recebeu a doação da biblioteca Walter Zanini e de seu arquivo pessoal. Esta incorporação enriqueceu o acervo bibliográfico, tendo em vista ter sido ele o primeiro diretor da Instituição, cuja gestão foi inovadora em vários aspectos (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2021).

Assim, a classificação do acervo bibliográfico, enquanto parte integrante do acervo museológico MAC USP, é uma situação bem definida. Como veremos a seguir, as



duas coleções aqui tratadas podem também ser classificadas como patrimônio bibliográfico.

Didier Travier (2000, p. 9-16) aponta critérios de análise de livros de bibliotecas universitárias francesas quanto à noção de formação de coleções especiais e de reserva de livros raros. A ideia do autor é elencar critérios de classificação de raridade e de preciosidade das coleções especiais universitárias.

O autor elenca alguns critérios para caracterização da formação de coleções especiais de documentos, elucidando que os critérios devem ser criados para conceituar uma coleção com materiais especiais, e assim possibilitar a passagem deste material para uma reserva, que seria entendida como o lugar adequado para materiais especiais. Travier (2000, p. 10) apresenta significados para a passagem de um livro para reserva, com a ideia de que a própria antiguidade do documento não é característica fundamental para conceituação de passagem para uma coleção especial ou uma reserva. A fronteira cronológica varia de acordo com a tipologia do documento a ser avaliado. Segundo ele, a análise de documentos especiais não pode ser efetuada somente pela temporalidade da data de edição dos materiais.

O critério da origem (Travier, 2000, p. 11) é entendido pela presença de livros editados no exterior, que têm como um traço a complexidade de se encontrar exemplar idêntico. Destacamos aqui a importância que o autor confere às obras únicas, escassas ou edições especiais, podendo contar, inclusive, com anotações de personalidades ou de marcas importantes para a instituição.

Travier (2000, p. 11) ainda destaca a importância ligada ao valor venal de cada item, o que também nos qualifica a entender essas coleções em termos do valor unitário e de seu conjunto. O valor de interesse é o conceito que congrega o valor de raridade e de preciosidade, atribuindo o valor de interesse no tempo presente, conjuntamente com sua característica histórica de valor no momento em que é pesquisado.

As características sobre a raridade de um documento, independentemente de suas apreciações quanto a seu valor venal, o faz ser tratado em virtude do interesse local, ou ainda em virtude do interesse para a biblioteca especializada que o mantém (Travier, 2000, p. 11). Temos então a constituição de um patrimônio próprio, que adquire valor de patrimônio cultural e bibliográfico, na importância relativa àquela instituição no qual está inserido.



Sobre a questão da memória com relação às coleções bibliográficas, Travier (2000, p. 23) as considera como patrimônio, pois são um marco na história da instituição ou mesmo um marco na história da ciência, em virtude da personalidade que é a formadora da coleção. Segundo Travier (2000 apud Souza; Azevedo; Loureiro, 2017, p. 10), as coleções “podem incluir documentos não tão antigos, mas que merecem atenção particular porque se constituem como o patrimônio da biblioteca e são marcos na história do conhecimento”.

As coleções mencionadas são patrimônio institucional, pois são formadas por obras que vão ao encontro da própria instituição, de acordo com sua história e sua missão. Citando Henri Jean Martin (1983 apud Travier, 2000, p. 12), é o que denominamos de “*memoire local de d’une institution*”.

Travier (2000, p. 25) ainda nos aponta o valor de memória, referenciando o valor histórico e o valor do artefato venal enquanto patrimônio. Assim, cada obra das coleções mencionadas é dotada de valor histórico, em virtude de seu valor como memória da ciência e de seu valor como artefato patrimonial. Ao analisar o trabalho de Tereza Carvalho (2015, p.99), Souza, Azevedo e Loureiro apontam:

(...) reconhece a importância do valor das coleções especiais para a memória da disciplina e da instituição à qual está vinculada à Biblioteca, afirmando que a disseminação do conteúdo informacional dos acervos especiais contribui de forma decisiva para a produção de novos conhecimentos nas áreas afins estimulando a pesquisa e, conseqüentemente, o resgate da memória (Souza; Azevedo; Loureiro, 2017, p. 10)

Maria Lucia Beffa e Luciana Napoleone, ao tratar das coleções universitárias como patrimônio, sobre os níveis de memória, afirmam:

Finalmente, o nível de tratamento da Biblioteca ou coleção para criação de outros significados, é sempre possível a partir da valorização dos aspectos de memória. No caso de acervos particulares recebidos, a coleção de livros é a “fotografia” de quem construiu a coleção. Pela observação e análise dos títulos, dos assuntos, do idioma é possível traçar um perfil do viés preferido do doador. Entretanto, se os elementos da sua formação, de conteúdo, forem tratados de forma simplista, a coleção permanece no anonimato. A sistematização dessas informações para representar a coleção em registros bibliográficos e em outras formas de acesso, como publicações e exposições, faz a diferença na recuperação da informação, é um descortinar além do conteúdo que o doador deixou registrado. Quanto mais conhecimento se têm sobre o acervo, suas marcas, sua história, mais evidenciada fica sua identidade (Napoleone; Beffa, 2022, p. 641).

As autoras enfatizam que a preservação da memória se aplica a todos os tipos de bibliotecas, pois elas possuem a função custodiante de acervos singulares, com suas



equipes e gestores dedicados aos trabalhos de preservação da memória, permitindo a criação de uma rede de unidades de informação com responsabilidade compartilhada em todas as atividades inerentes a essas instituições (Napoleone; Beffa, 2022, p. 637). O texto enfatiza que a própria questão da conceituação do patrimônio bibliográfico encontra-se incipiente, ganhando mais interlocutores durante a última década. Chamamos a atenção para a contribuição desse texto com o roteiro, elaborado por Maria Lucia Beffa e Luciana Napoleone (2022, p.648), que auxilia a descrição dos acervos e dos caminhos da memória em suas próprias instituições. As autoras ainda alertam que a ausência de conceituação definitiva ao termo é o que busca a construção coletiva do mesmo, que abarca a pluralidade das manifestações (Napoleone; Beffa, 2022, p.649).

4 CONCLUSÃO

Propusemo-nos a refletir sobre duas coleções enquanto patrimônio bibliográfico público, universitário e museológico, e constatamos que o estudo do contexto histórico das doações, antes particulares e agora públicas e acessíveis, é a melhor forma de entendermos a formação do acervo bibliográfico, e é fator preponderante para desenvolvermos ações de valorização e preservação do patrimônio.

Pensamos como os autores a seguir:

Entender que as bibliotecas são instâncias de mediação e elaboração intersubjetiva da memória requer pensá-las não apenas como lugares nos quais certas representações coletivas ganham forma e se cristalizam. Mais que isso, requer encará-las como espaços vivenciais onde nossa cultura e seus substratos histórico-sociais são constantemente tensionados e transformados. Nessa mirada, o essencial não é desvelar os motivos que resultaram na composição de um acervo ou um conjunto de serviços específicos, mas sim os distintos usos que lhes são atribuídos pelos usuários (Silveira; Moura, 2017, p. 208).

Finalizamos essa reflexão compreendendo que o MAC USP abrigou essas duas coleções num espaço de tempo de 47 anos entre os dois aceites da mesma família, um artista e um literato referencial da arte brasileira, que constituem um legado da própria vida de cada um deles, e que juntos devem iluminar e esclarecer o contexto em que grande parte da arte brasileira a partir dos anos 1950 foi produzida. Estamos diante de uma oportunidade única de compartilhar, de forma generosa, dois acervos com o público, e definitivamente conceituá-los como patrimônio público, universitário e museológico.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Tereza Cristina Oliveira Nonatto de. UNICAMP: coleções especiais e obras raras. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Orgs.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 89-100.

FREIRE, Cristina. Biblioteca Walter Zanini: um legado vivo. In: FREIRE, Cristina (Org.). **Biblioteca Walter Zanini**. São Paulo: MAC USP, 2017. p. 7-16.

FREIRE, Cristina. **Walter Zanini: escrituras críticas**. São Paulo: Annablume, 2013.

JOURDAIN, Francis. **Cézanne**. Paris: Braun, 1948.

LHOTE, André. **Tratado del paisaje**. Buenos Aires: Poseidon, 1943.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Política de gestão de acervos do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo**. São Paulo: MAC USP, 2021. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/politica-acervo.asp>.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Plano museológico do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo**. São Paulo: MAC USP, 2018. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/documentos/PM_MAC_USP.pdf.

NAPOLEONE, Luciana Maria; BEFFA, Maria Lucia. Livros e bibliotecas como patrimônio cultural. **Ponto de Acesso: Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA**. Salvador, v. 16, n. 3, p. 621-653, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52327>. Acesso em: 28 jun. 2024.

QUINTANA, Lauci Bortoluci. **Mario Zanini, o pintor que lê: arte e biblioteca**, 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-04122018-124121/pt-br.php>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; MOURA, Maria Aparecida. Biblioteca, memória institucional e acesso aberto à informação: apontamentos teóricos e experiências desenvolvidas pela Universidade Federal de Minas Gerais. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos. **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2017. p. 197-222. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7426>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SOUZA, Ingrid; AZEVEDO, Fabiano; LOUREIRO, Maria Lucia. Coleções especiais e valor de memória: reflexões no contexto das bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]** Marília: Ancib, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5352>. Acesso em: 28 jun. 2024.



TRAVIER, Didier. **Reserve precieuse et collections semi-precieuses en bibliotheque universitaire**: l'exemple de la bibliotheque de Université de Bourgogne. Villeurbanne: École Nationale Supérieure des Sciences de l'Information et des Bibliothèques, 2000. Disponível em: <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/61815-reserve-precieuse-et-collections-semi-precieuses-en-bibliotheque-universitaire.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2024.